



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O COMPADRE «JAQUIM» E O «BINHO BERDE»

Por ARCINDO MADEIRA



— Bou-lhes contar uma história que ma succedeu, que intê é de se le tirar o barrete.

É cá fui, um dia, à cedade, e cumo nan sou troizxa ninhum, nan andava a olhar



p'ró ar, acumo os pacóvios da minha probíncia. Bai senan quando, pranta-se na minha dianteira o sór Mateus, que é cá conhecia porqu'era da minha aldeia.

— «Olá, só compadre Jaquim! Antão acumo bai a bidinha?» — préguntou-me éle.

— «Cá se bai indo, cá se bai indol!» disse-le eu. Cumbersámos um nadita e



éle diz-me, então: «O' sor Jaquim e se nós fóssemos beber duas canecas de binho verde?».

— «Benham elas, benham elas!» disse-le eu; e depois abancamos numa tasca



que habia ali perto. É cá estava com buntade de saber cumo era o binho verde, porque na minha aldeia era coisa que num habia, e, por isso, é nunca o tinha bisto.

Beio o binho e é mal o bi disse assim:



— «Mas, antão, ó compadre Mateus, bocê cuida que cá o Jaquim é troizxa?! Antão, bocê manda bir binho verde e éle bem roxo?...»

O mé compadre desatou a rir e é cá... nan, percebi nada!

Hora de Recreio

Número 17
2.º CAMPIONATO

Secção Charadística

12 AGOSTO
1 9 3 7

DECIFRAÇÕES DO N.º 10 PALAVRAS CRUZADAS

1 — Reboiços; 2 — Torpedo; 3 — Matutar-mater; 4 — Augusto-auto; 5 — Ardor; 6 — Bárbara-barra; 7 — Fidalgo-figo; 8 — Matute-mate; 9 — Olor-rôlo; 10 — Portugal; 11 — Pintassilgo; 12 — E' Carregado; 13 — Entre a estrada e a parede.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Adriano Rei, Freira, Maridália, Sob-Chávena, Piruças e Tomigas

(Totalistas)

Aurora Guerra Ervedoso, Mário da Silva Fernandes e Oliveiraribeiro, 12; António Freire, 11; Rex e Zé Fernando, 10; Renato Rodrigo Paulo, 9; Manecas & Tonecas, 8; Bel & Zeca, Homem-sombra e Zé, 7; Jorge Pereira, 6; Recem, 4; Joaquim Maria de Sousa, 2.

DECIFRAÇÕES DO N.º 11

1 — Cevado-cedo; 2 — Sustento-susto; 3 — Sistema-sisma; 4 — Camisa-casa; 5 — Bala-ão; 6 — Anibal-Albina; 7 — Lente; 8 — Setembro; 9 — Salomé; 10 — Entrevista; 11 — Péso da Régua; 12 — Muito padece quem ama.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Adriano Rei, Freira, Maridália, Piruças, Renato R. Paulo e Tomigas

(Totalistas)

António Freire, 11; Alfredo Matos e Oliveiraribeiro, 10; Manecas & Tonecas e Zé Fernando, 9; Homem-sombra e Zé, 6; Recem, 3.

CHARADAS ELÉCTRICAS

1 — O melhor é *expedir* o animal porque senão ele pega-te a *hidrofobia*. — 3-2.

Moreno

2 — Esta planta gramínea há bastante tempo que está na posse de um *mandrião*. — 2.

Nélito Arita

ENIGMAS PITORESCOS

3 —



Vale mais um

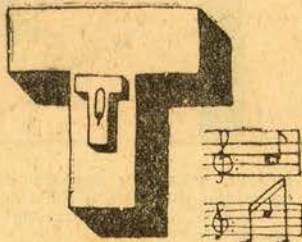
DECIFRAÇÃO DO N.º 8

	4	5	6	7	8	9	10	11		
A	C	A	V	A	Q	U	E	A	D	O
2	A	R	A	L	N	M	E	A	O	
3	S	A	R	A	C	E	R	E	A	D
4	O	A	R	A	P	A	S	S		
5	L	A	L	I	C	A	R	E		
6	A	L	D	O	A	S	A	S		
7	R	O	L	A	M	A	I			
8	V	E	A	C	M	A	P	A		
9	E	T	A	A	N	A	D	A		
10	R	E	S	E	S	L	O	S	O	

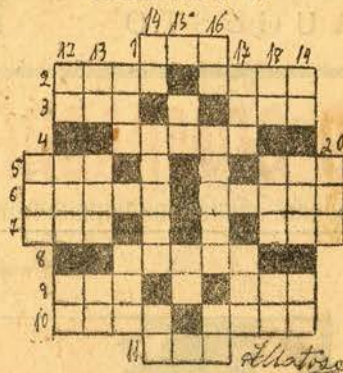
DECIFRADORES

Adriano Reis, António Freire, Freira, Meridália, Oliveiraribeiro e Tomigas.

4 —



PROBLEMA N.º 11



Horizontais: 1 — Parente; 2 — Ave doméstica, fronteira; 3 — Ensejo, consoante, advérbio de negação; 4 — Taboada de Pitágoras; 5 — Parente consoante, vogal, patrão; 6 — Estabelecimento para uso terapêutico de águas medicinais, encher de baba; 7 — Arco pequeno, consoante, consoante, camareira; 8 — Vigiar; 9 — Altar, vogal, jornada; 10 — Faisca eléctrica, elevar-se no ar; 11 Produz som.

Verticais: 4 Liga; 12 — Utensílio doméstico, um dos cinco sentidos, elemento vital; 13 — Forma feminina de o (plur.), montanha, batráquio; 1 — Corda para rebocar navios, consoante, anda; 14 — Utensílio doméstico, rugir, artigo definido (plur.); 15 — Vogal, ande, nota musical, vogal; 16 — Abalar, quadrupede herbívoro, caminho; 17 — Medida de tempo, vogal, curso de água; 18 — Andava, falda, entrega; 19 — Contração da preposição com artigo, parente, elemento vital; 20 — Roga.

CORRESPONDÊNCIA

António Pequeno, Armando Garcia Félix, El Charlot, Jack Homes, José Quintino Rebelo, Leão Negro, Mme. X, Pipocas, Renato R. Paulo, Rico-Ena e Tacos. — As vossas listas referentes ao n.º 13 (1.º do 2.º campeonato) não trouxeram votação. Se a não enviarem quanto antes aquelas não serão tomadas em conta.

Rez — As decifrações do n.º 9 chegaram muito atrasadas. Rico-Ena — Brevemente encetaremos a publicação de *Noções de charadismo*, conforme prometemos. Verá, assim, satisfeito o seu desejo.

Rás Pardal — As palavras cruzadas não fazem parte do campeonato. Leia o que dizemos a «Nélito Arita».

Artur de Melo Cubral — Se não tem visto charadas suas publicadas, foi só porque ainda não chegou a sua vez. Bem sabe que adoptamos a ordem alfabética para a publicação das produções.

Toda a correspondência relativa a esta secção, deve ser endereçada a: Américo Taborda — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 63 — LISBOA.

Mo cas vale um passaro na quem tem telhados de vidro, não deve atirar pedras

A LENDA de PORTUGAL

Por MANUEL FERREIRA
Desenhos de A. CASTAÑÉ

DEUS havia criado o Mundo além de outras coisas belas. Repartira as terras e os mares. Cobrira os oceanos de água e a terra de flores e de maravilhas.

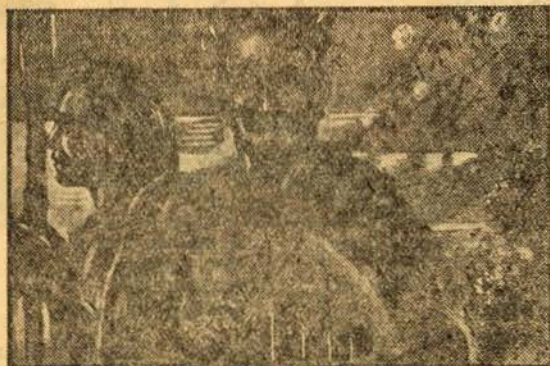
Contudo, no extremo da Europa, mereceu-lhe maiores cuidados um bocadinho de chão que era um conjunto de belezas. Desde norte a sul, encheu-o de água sussurrante e de flores de suavíssimos perfumes. Ser-
ras de neve e amendoeiras branquejavam como se fossem vestidos de noivado. O verde dos campos salpicava-se de papoilas vermelhas e giestas da côr do sol.

Cada vez mais, Deus alindava aquele torrão maravilhoso. E para que tanto mimo se não perdesse, mandou vir três

Sorria-se Deus do espírito aguerrido daquele homem e num dia lindo de primavera, veio à terra oferecer ao homem das serranias uma bandeira linda como nunca se vira outra e onde estava escrita a palavra *Portugal*.

Chamou-lhe cavaleiro, nome por que ficou sendo conhe-

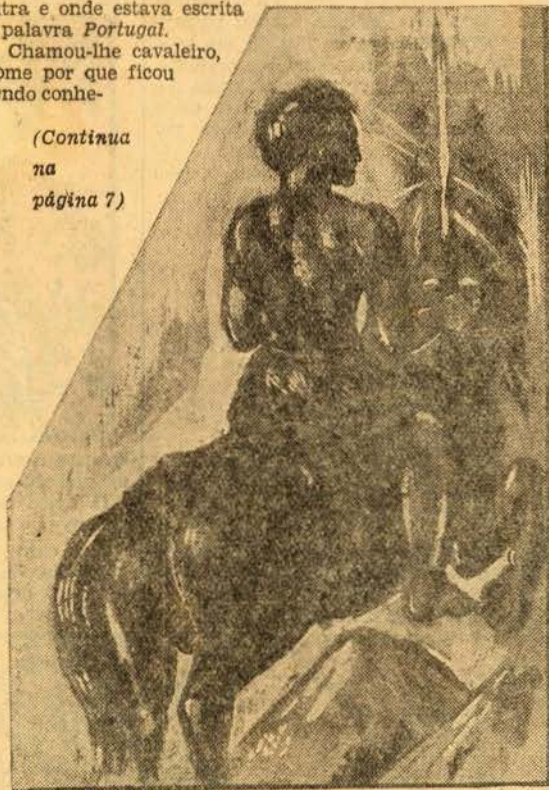
(Continua
na
página 7)



homens do céu, onde eram companheiros dos anjos. Levou um para as serranias, outro para os campos e, para seduzir o terceiro, encaminhou-o para a beira-mar.

Duma nuvem, Deus contemplava, embevecido, a sua obra. E o que viu?

O homem das serras tornou-se forte, rude, mas bom. Do ferro que existia nas rochas, fez uma espada e uma lança; desatou a correr mundo, montado num cavalo bravo e negro como a noite. Amava muito o seu cantinho e bulhava sempre que os vizinhos o queriam importunar.



FAROLINHAS ALPINISTA



Uma vez, no S. Luís, Farolinhas divertida, vê filme que por um triz não lhe deu cabo da vida



Um documentário havia dos desportos sobre o gelo e o que nêle fazer via, decidiu logo ir fazê-lo.



Carrega a mala de mão e, sem a ninguém dar trela, caminha para a estação, vai para a Serra da Estrêla.

O Presente da Madrinha

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

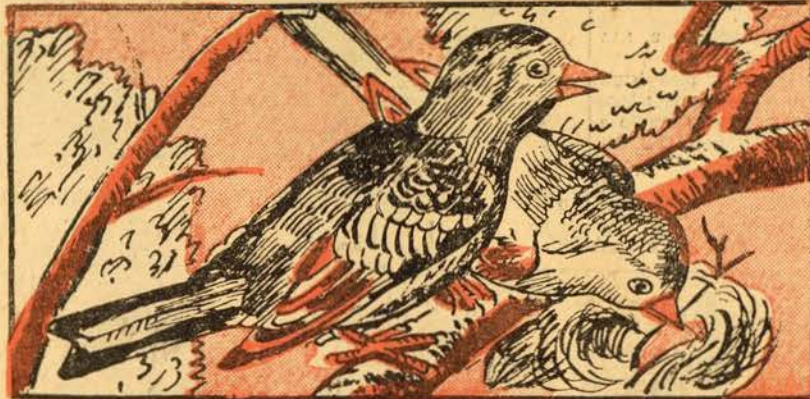
NO começo do mundo dos bichos, os tentilhões eram uns passarinhos insignificantes, quero dizer, não davam na vista, por serem pardos e sem beleza alguma. Ora, num dia de primavera, estava uma senhora aranha passando, pavorosamente, os fios da sua teia, de ramo em ramo, num carvalho possante, quando ouviu um canto desauatinado, na ramaria. Esboghoulou ainda mais os olhos salientes e levantou a cabeça para ver quem era o dono da voz barulhenta.

Logo, viu uma avezinha, com o bico muito aberto, a gorgear assim:

— «Ó mulher do tentilhão, ouça o que diz o patrão: Venha já, já sem tardar, aqui, nosso ninho armar. Eu quero-o bem jeitozinho, por dentro, fôfo e quentinho, e, por fora, muito forte, por causa do vento norte. Será em forma de esfera, feito com tronquinhos de era, com musgos e com raízes, para que os nossos petizes, — os filhos que vão nascer — ali vivam com prazer.

Ao chamamento do marido, a fêmea do tentilhão já havia chegado e ouvira, atenta, as suas instruções.

Logo, nesse dia, começaram a acarretar



nos biquinhos vário material para a construção do ninho.

O marido, enquanto trabalhava, nunca deixava de cantar e a senhora aranha, que era grande amadora de música, deliciava-se com aqueles gorgéis.

Estava farta de ouvir os pius embirrentos dos pardais que, até ali, eram os únicos pássaros habitantes da árvore.

Agora, aqueles bons vizinhos tornavam-lhe a vida bem mais agradável!

Não se pode dizer que até ali passasse mal, isso não...

Muito espertalhona, escolhera aquele carvalho tamanhão para sua morada, pois nos

seus bugalhos havia, à farta, mosquitos, e mosquinhas que caíam na teia traiçoeira que ela tecia, para lhe servir de rede-apanha-moscas.

Andava sempre de papo cheio, mas falia de divertimentos e o par de tentilhões



chegara a propósito para entreter os ócios da senhora aranha...

O único defeito do tentilhão eram os ciúmes que tinha da mulher!

Mal outro tentilhão lhe cantava qualquer ária, ele dobrava o canto para abafar a voz do atrevido rival.

Mas ela só pensava na postura e, atare-

é transparente, serve pr'a atar, e pr'a ligar.

O vosso ninho ficará feito muito a preceito,

se aproveitarem; caso aceitarem a minha idéa, que é de mão cheia.

O tentilhões fizeram o que ela lhes propôs.

Com os fios da teia, ligaram e teceram tudo o que formou as paredes espessas do belo ninho, modelo do tentilhão.

Muito reconhecido à senhora aranha, convidaram-na para madrinha dos filhos que iam nascer.

Esta, tôda contente, fez a seguinte profecia:

— «À fé desta aranha, de saber e manha, os meus afilhados vão ser afamados, p'la sua lindeza. Serão, com certeza, entre a bicharia, cá da zoologia, os mais lindos bichinhos, por môr dos caprichos da madrinha aranha que tem muita manha.

Enquanto a mãe tentilhão esteve chocando os ovinhos, o marido, sempre de guarda, escorraçava os bichos que queriam invadir aquele sítio. Mas, se as aves e insectos não se aproximavam, os raiozinhos de sol, mais indiscretos, entravam pela ramaria, e brilhavam sobre os fios da teia que teciam o ninho.

Entre a folhagem, êste parecia uma bola luminosa, multicôr...

Então, sucedeu uma coisa maravilhosa. As avezinhas nasceram e quando lhes começou a aparecer a penugem, como é que veio?

Não da côr parda que usavam os pais,

— «Dou-lhes fio da minha teia que aqui se enleia,

«ZÉ» FORRETA



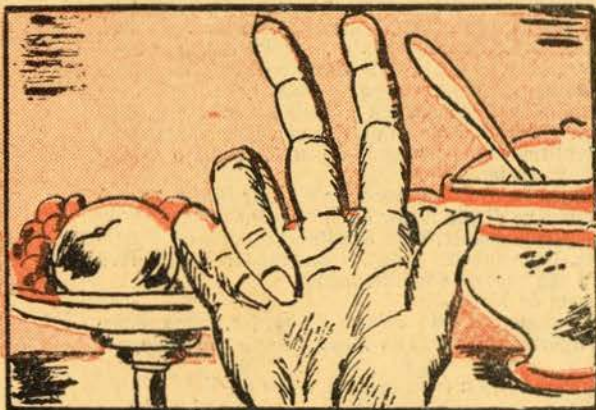
I — Sempre com a mania de poupar, o «Zé Forreta» um fona dos mais finos — ao chegar o momento de almoçar, clama para os seus filhos: — «Meus meninos,



II — hoje, quem prescindir do seu almoço, ganhará dez escudos. Quem os quer? Então, os filhos, logo, em alvorço, declaram que preferem não comer.



III — Porém, chegada a hora do jantar, o «Zé Forreta» avisa os três miúdos: — «Meus meninos, quem hoje manducar, tem que dar dez escudos, dez escudos!»



IV — Cheios de fome, é claro, prontamente, restituem ao pai o dinheirinho, enquanto o «Zé Forreta», assás contente, diz consigo: — «Poupei um almocinho!»

mas de cores variadas, como as que o sol fazia brilhar nos fios da teia.

Só lhes digo que os meninos tentilhões tinham a cabeça e a nuca azuis, as costas acastanhadas, o tronco vermelho, o ventre branco, as asas pretas com riscas e a cáuda preta, enfeitada com uma franjinha branca.

Os pais tentilhões olhavam pasmados tanta beleza.

E a senhora aranha, tôda babada, também se extasiava para os afilhados e assim dizia:

— «Ora aqui está o presente que eu tinha na minha mente. A-pesar-de ser tão feia, eu tenho uma linda teia que a luz do sol criador faz brilhar com muita côr.



Nas penas dos tentilhões, tôdas essas gradações

se fôram reflectindo, fazendo êsse efeito lindo, na penúgem do seu manto.

Até ao fim da sua vida, os encantos da aranha foram os sucessos que os seus afilhados faziam no mundo da passarada.

Quando, por fim, morreu duma indigestão de mosquitos trombeteiros, deixou-lhes em testamento todo o mosquedo que tinha na teia, o que causou grande inveja à outra bicharia.

Já se vê que foi desde então, que os tentilhões tomam sempre muito cuidado em tecer o ninho com fios de teia de aranha, não vá algum menino tentilhão sair aos antepassados e, em lugar de lindas côres variadas, venha ao mundo, pardo e insignificante.

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Queridas abelhinhas:

A propósito d'êste urso, que podem bordar, dando-lhe variadas aplicações, vou contar-lhes uma história engraçada, da qual êle foi um dos principais protagonistas.

Numa terra muito distante da nossa, na Finlândia, nas proximidades do Polo Norte, vivia uma família que tôdas as noites se reunia em volta da lareira. Ora, nessa terra abundam os ursos e, por isso mesmo, naturalmente, certo avôzinho contava, de quando em quando, algumas histórias em que figuravam êsses animais ferozes.

Pekka, que não teria mais de sete anos, ao ouvir relatar a maneira terrível como um urso apanhára e comera um homem, exclamou com arrogância:

— «Pois eu, se um dia visse um d'esses ursos na minha frente, não tinha receio algum! Matava-o com a minha machada.» Todos se riram muito mas, a-pesar-da troça que lhe fizeram, continuou a gabar-se da sua valentia.

No dia seguinte, quando regressava da escola, ao lado de Hilja, sua irmã mais velha, viu, de repente, um urso, a pouca distância, caminhando para elas. Cheias de terror, soltaram um grito de aflição. Pekka desata a fugir, em louca correria. Hilja, entretanto, num rasgo de heroicidade, levanta o seu guarda chuva, enfrentando a fera, pronta a lutar e a defender suas vidas. Mas, — coisa estranha! — o urso em vez de atacar, pôe-se a dansar e avança, docemente, estendendo a mão. O espanto é enorme! Porém, em breve, acode-lhe à lembrança a ideia do urso que, dias antes, vira no circo, armado no terreiro. E imediatamente teve a confirmação, pois atrás do urso, surgia o saltimbanco que vinha buscá-lo.

Refeita do susto Hilja pôs-se a chamar Pekka, que só a muito custo se dispôs a sair do seu esconderijo.

Rindo perdidamente, ante a atitude vexada da pequenina irmã, Hilja fez-lhe, então, compreender quanto fôra ridícula a sua basófia e fanfarronada.

Gostaram da história?

Pois se gostaram, não deixem de bordar, como recordação, a figurinha do urso no vosso saquinho de praia, por exemplo.

Um grande beijo a cada uma de vocês da

vossa amiguinha
Abelha Mestra.



FAROLINHAS ALPINISTA (Continuação da página 3)



Ao chegar lá, de manhã, desayvora, — toque, toque... em busca dum «toboggam» «skis», patins e um «alpenstock».



Mas... nem lojas, nem viv'alma, nem Parque, «Ring» ou casino!... — Só brancura, frio e calma... Nem sequer um Clube Alpino!



Embora! Ali está a Serra, com sua excelente pista! A solidão não aterra quem tem alma desportista.

A LENDA DE PORTUGAL

(Continuação da página 3)

cido todo aquele que lutasse, fôsse bravo e corresse aventuras, enamorado do Bem e da sua Pátria bendita.

O homem que vivia no campo, seduzido pela beleza das flores, dos regatos e das serras, embalado pelo murmúrio das fontes, pôs os olhos no céu, adorando a natureza.

Tudo o maravilhava: a luz do sol, o canto das aves, a sombra do arvoredão...

E Deus continuou satisfeito com a sua obra. Veio, novamente, à Terra e chamou poeta àquele homem. Deu-lhe uma lira, feita pelos anjos, para que ele tocasse, e pôs-lhe na cabeça uma corôa de louros.

Aqueles dois portugueses estavam satisfeitos. E o terceiro?

Esse fôra para junto do mar. Habitara-se à sua voz estranha e melodiosa e a espriar os olhos naquela vastidão infinda. As ondas desfaziam-se em espuma a seu pé, convidando-o a ir para além, muito para além do que seus olhos alcançavam.

E começou a sentir-se preso naquele palmo de terra.

Ir para longe!... pensava... E, um dia, visionário, do tronco duma árvore fez um barco e ei-lo sobre as águas do Oceano que o levaram a caminho da aventura.

Deus chamou àquele homem mareante. E, alguns séculos depois, ofereceu-lhe todo o mar.

Um dia, porém, os três homens encontraram-se. E, daí para cá, todos os portugueses são cavaleiros, porque lutam pelo Bem, poetas, porque cantam a obra de Deus e mareantes porque escutam, com enlêvo, a voz misteriosa do Oceano.



FAROLINHAS ALPINISTA

(Continuado da página 6)



—«Vou fazer um «raid.»— E vai a valentona menina, até que tropeça, cai e rola pela ravina!



Ih! Que dores, que torturas!... Quando chega o pai, aflito, vê-lhe tantas ligaduras que a supõe múmia do Egipto.



E adia o justo rigor porque teme piorá-la mas, em ar ameaçador, tosse... brandinho a bengala!

M A R I A D O S M I L A G R E S

Vêr no próximo número:

CONCURSO:—Grandes de Portugal

que, por motivo de falta de espaço, fomos forçados a interromper

Gracinhas do meu neto

AS crianças, em geral, manifestam uma vocação. O Manuel com sete anos, e em vésperas de entrar para o colégio, nunca mostrou propensão para a escrita, e, sobre a leitura, limita-se a ler as epígrafes dos jornais.

Mas falem-lhe em *contas*... Isso tem sido o que mais o interessa, e o que o obriga a fazer repetidas perguntas à sua Mãezinha.

Quando, ultimamente, o nosso Manuel fez 7 anos, o seu avô, baboso como todos os avós, não ocultando uma lembrança que o preocupara, disse-lhe com tristeza:

— «Tenho setenta anos e já pouco posso viver! Quem me dera ter a tua idade!...»

Então, o rapaz puxa pelo lápis, êsse seu companheiro inseparável e, com um gesto apressado, responde ao avô, fazendo-lhe a seguinte demonstração:

— «Olhe, avôzinho, nós temos, afinal, a mesma idade. Eu tenho sete anos e o avô setenta: ora como a Mãezinha



me disse uma vez que um zero não vale nada, temos ambos sete anos, apenas!»

Que pena não nos podermos fiar nesta aritmética!...

G. Q.

AQUELA VACA...

Por LAURA CHAVES

Aquela vaca dizia que nunca comia nada mas andava luzidia, muito gorda e anafada.

Se lhe davam a ração, ela voltava o focinho, desdenhando a palha e o grão, e não trincava um grãozinho,

pois, enquanto os animais comiam todos contentes, ela olhava-os por demais e nem descerrava os dentes.

E todo o gado pasmeava dessa vaca luzidia que engordava, que medrava, e pouco ou nada comia.

Mas, uma vez, certo porco, que trazia a vaca de ôlho, acorrou-se de borco, mesmo perto do restólho, junto à casa do gerico

que tirava água da nora; vendo então, o mafarrico, que ela vinha, campos fóra, devagar, a passos lentos, um pé ali, outro aqui, com os olhos muito atentos, não a vissem por ali.

Ora aqui está porque a vaca era gorda e anafada e, sem dar parte de fraca, vivia sem comer nada:

Ela, a intrujona, lá estava, com seu focinho casmurro, comendo a ração de fava do desgraçado do burro.

Soltou o porco um grunhido contra êsse bicho ruim e, no seu brado sentido, o porco expressou-se assim:

«Uma vaca que não come juntamente com os bois, quando não morre de fome, ou come antes ou depois.»

Esta vaca é engraçada, tem mesmo graça a valer; faz lembrar uma criada quando é de pouco comer.

